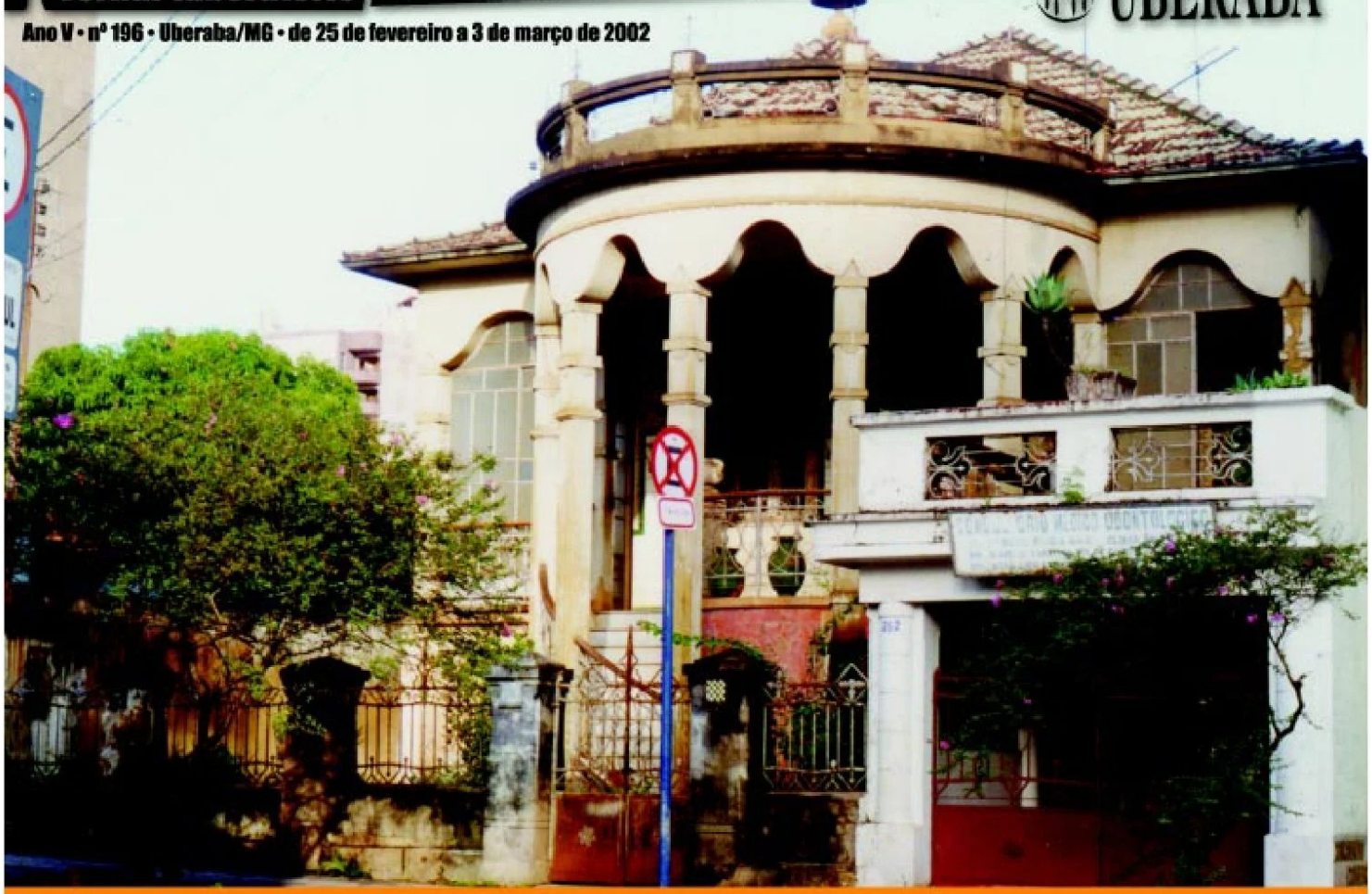
Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 196 • Uberaba/MG • de 25 de fevereiro a 3 de março de 2002



págs. 6 a 11

ARQUITETURA DO DESPREZO

ABANDONO AMEAÇA PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE UBERABA

issuu-downloader.com

Calourada2002

Neuza das Graças

Voluntários orientaram os novatos nos primeiros dias de aula

Veteranos receberam calouros com Atitude Cidadã

Universidade incentivou camaradagem entre colegas

Rodolfo Rodrigues
4º período de Jornalismo

A Universidade de Uberaba este ano resolveu inovar na recepção dos calouros. Fruto da idealização de um grupo de professores, alunos e funcionários da Universidade de Uberaba, a calourada dentro do Campus foi mais cidadã, pois utilizou uma proposta nova de camaradagem, até então, inédita para os alunos veteranos. Os cursos de Comunicação, Turismo, Serviço Social, Terapia Ocupacional e Educação Física ficaram responsáveis pela recepção e toda a divulgação dos eventos. A descontração dos veteranos mesclada ao nervosismo e a rebeldia dos calouros deram o sabor especial à festa de recepção da calourada 2002.

OMBUDSMAN

Conceito superior

Newton Luís Mamede

A avaliação dos cursos universitários no Brasil, pelo Exame Nacional de Cursos – o conhecido *Provão* –, tem "punido" e "premiado" as instituições que os ministram, conforme os resultados adversos ou positivos alcançados. Contestada, rejeitada e boicotada pelos alunos, no início de sua adoção, em 1996, o certo é que essa forma de avaliação das universidades brasileiras "pegou", cresceu e estabeleceu-se no quotidiano acadêmico. De três cursos avaliados na primeira edição desse Exame, atualmente já passam de dez. Contra os protestos iniciais, a reação oficial foi mantê-lo e ampliá-lo, o que culminou com sua consagração.

Embora nem sempre os resultados obtidos pelos alunos reflitam a realidade de algumas escolas e cursos, todavia sua divulgação constitui um ponto de referência social, um marco e um padrão de qualidade com que as universidades são vistas e consideradas pela sociedade. E, daí, os famosos fatores de insucesso ou de sucesso.

Em 2001, quatro cursos da Universidade de Uberaba foram classificados com a nota máxima, com o conceito "A"

Como é comum o *interesse coletivo* comentar e divulgar mais os fracassos do que os sucessos, um resultado adverso é lembrado por muito mais tempo do que um positivo. Então, para alimentar e avivar a memória do sucesso, é necessário que consideremos, aqui, os elevados conceitos que alguns dos cursos de nossa **Universidade de Uberaba** obtiveram no último *Provão*, realizado em 2001. E essa memória é mesmo necessária, não para propaganda gratuita, mas para que a comunidade, a sociedade tome ciência e consciência do que ela possui de bom e de elevado valor. Para que a sociedade uberabense valorize e divulgue o que é seu.

Em 2001, QUATRO cursos da Universidade de Uberaba foram classificados com a **nota máxima**, com o conceito "A": **Letras** (pela segunda vez consecutiva), **Jornalismo**, **Pedagogia** e **Administração**. E, num também honroso conceito, o curso de **Matemática** foi classificado com "B". Sem contar que, em avaliações de anos anteriores, os cursos de Administração e de Jornalismo já obtiveram conceito "B".

O derrotismo, muitas vezes, leva o "santo de casa a não fazer milagre". Vemos, com freqüência, pessoas de nossa cidade ridicularizarem os nossos cursos, ou as nossas instituições. Chegam a sair de Uberaba, às vezes até incentivadas e patrocinadas por escolas de ensino médio, para estudarem noutras "plagas". Enquanto isso, alunos de várias regiões do Brasil, algumas distantes, do Nordeste e do Norte, procuram Uberaba para realizarem seus estudos universitários. Especialmente, a nossa Universidade de Uberaba. Sinal de confiança. Padrão de honra.

Defeitos, todos os têm. Perfeição, ninguém a possui. Então, temos o dever, a obrigação de reconhecer e de exaltar as nossas qualidades, os nossos valores. Apesar dos defeitos e das imperfeições. A **Universidade de Uberaba** é, sim, uma escola superior que detém conceito também superior. Não é futilidade declarar isso. É, antes, o reconhecimento do trabalho sério que ela persegue e desenvolve. Com vontade de acertar. Com vontade de vencer.

Quatro conceitos "A". Num mesmo ano. E de uma universidade particular. E do interior. Não é para sentir orgulho?

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Edição: Alunos do curso de Comunicação Social ••• Supervisão de Edição: Alzira Borges ••• Projeto Gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) ••• Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) ••• Coordenadora da habilitação em Jornalismo: Alzira Borges da Silva (alzira.silva@uniube.br) ••• Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle ••• Professores Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Vicente Higino de Moura (vicente.moura@uniube.br) e Edmundo Heráclito (heraclit@triang.com.br) ••• Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva ••• Distribuição: Assessoria de Imprensa ••• Reitor: Marcelo Palmério ••• Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede (ombudsman@uniube.br) ••• Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar ••• Impressão: Jornal da Manhã Internet: http://www.revelacaoonline.uniube.br ••• Contatos: Universidade de Uberaba - Depto. de Comunicação Social - Bloco L - Av. Nenê Sabino 1801 - Bairro Universitário - Uberaba/MG - CEP 38.055-500

As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

issuu-downloader.com

BICHO TAMBÉM É GENTE!

Calouros contam suas experiências dentro e fora do Campus

Vaides Júnior
Antônio Marcos
1° período de Jornalismo

Como todos sabemos, começo de ano é sempre aquela confusão. Dúvidas em relação às salas de aula, incertezas sobre o curso escolhido, e principalmente receio sobre os trotes a serem recebidos. O segurança encarregado de equipe da Universidade de Uberaba, Sebastião Vargas, informa que não houve casos de abuso no trote dentro das dependências do Campus II. "Alguns calouros saíram de mãos dadas, a pedido dos veteranos. Mas foi uma coisa tranquila, em que todos concordaram", diz.

Por isso, fizemos uma enquete com alguns alunos de diversos cursos, para mostrar como foram recebidos pelos veteranos, como foram as experiências fora do Campus, além de conhecer suas opiniões sobre o tão temido trote.

Fotos: Vaides Júnior e Antônio Marcos

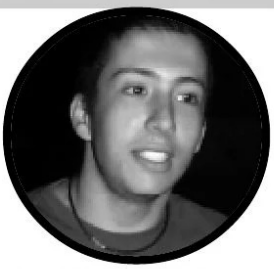
Haron Freiri
Publicidade
"O trote foi legal e divertido."

Fernanda Ávila
Biomedicina
"Foi uma falta de respeito! Mas no fundo foi legal, mesmo tendo que dar R$5,00 para a cerveja dos veteranos."

Patrícia e Patrícia
Administração
"Foi legal, tivemos até que matar formiga a grito."

Gustavo "Pinguim"
Publicidade e Propaganda
"Foi uma sacanagem. Raparam e descoloriram meu cabelo que era na cintura. Mas foi uma experiência interessante."

Vanessa
Farmácia Industrial
"Não gostei. Só participei porque me obrigaram."



Tiago Cardoso - Turismo
"Não foi tão bom assim, mas acho necessário."

Ludwig Jardim
História
"Devido o pessoal ser mais velho, quase nem houve trote. Mas gostaria de ter recebido."

Hariele
Pedagogia
"Foi bom, levei na base da amizade."

Silvia Brunele
Fisioterapia
"Os trotes foram horríveis, apesar de não ter gostado levei na brincadeira."

Patricia Helena
Química
Não gostei do trote, pois fiquei com hematomas, mas gostei muito do curso.

issuu-downloader.com

Universidade de Uberaba participa do projeto Veredas

Professores- alunos participam das primeiras aulas presenciais em Belo Horizonte

Wagner Ghizzoni Júnior
6º período de Jornalismo

A Secretaria de Educação de Minas Gerais está preocupada em melhorar o nível de ensino da rede púbica e garantir escola pública de boa qualidade para todos, como forma de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária.

Para isso, está implementando o Projeto Veredas, um curso a distância cujo objetivo, além de elevar o nível de competência dos professores municipais e estaduais, é desenvolver a identidade do profissional da educação em três dimensões: a profisional, a social e a cidadã.

A **Universidade de Uberaba** foi uma das 18 universidades selecionadas para participar do projeto. Treze professores, das áreas de Licenciatura e Pedagogia, além de colaboradores, participam do curso.

O curso

O Projeto Veredas tem duração de 3200 horas, divididas em sete módulos semestrais de 16 semanas cada um. Cada módulo tem uma semana de aulas presenciais, ou seja, o professor-aluno deve comparecer ao local determinado e ter as primeiras atividades com os profissionais de ensino superior. Depois, as demais aulas são a distância.

Em cada encontro de aulas presenciais, além das aulas propriamente ditas, há atividades em conjunto para uma interação entre os cursistas, os tutores e a agência formadora.

Ao fim de cada módulo, são feitas avaliações, para que cada um tenha consciência de sua evolução – além, é claro, de que se não for aprovado, não passa para o próximo módulo.

O I Encontro de Atividades Presenciais do Veredas começa na segunda-feira, 25 de fevereiro, e vai até o dia1º de março, no SESC Venda Nova, em Belo Horizonte. Cada professor cursista receberá a programação detalhada no primeiro dia de encontro. Vale lembrar que também haverá atividades culturais no evento (confira quadro abaixo).

Os professores alunos

O Governo de Minas Gerais expôs a idéia de os professores da rede pública receberem aulas para melhorar seu desempenho, mas não impôs a participação de todos. Só quem se interessou prestou o " vestibular" para participar do curso. Ou seja, os professores-alunos foram motivados a aprender, e não foram "forçados" a fazerem algo que não quisessem, conforme informou Luciana Faleiros Cauhi Salomão, integrante da equipe da **Universidade de Uberaba**, que coordena este projeto. Ela cedeu estas informações em meio a muita correria. Todos funcionários da **Uniube** envolvidos no projeto mostravam empolgação.

Mais esclarecimentos sobre o projeto Veredas,, ligue para 0800-343113 ou acesse INK http://www.uniube.br/ead/veredas www.uniube.br/ead/veredas

captura de tela

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

25 / 02 – Apresentação teatral / Peça "O Mar de Estorias
26 / 02 – Apresentação de dança com o Grupo Beth Dorça, de Uberaba
27 / 02 – Musical com o tenor Henrique Botelho
Durante toda a semana haverá exposição de árvores brasileiras, exposição de pintura a óleo sobre tela,da artista plástica Noeme Maria Silva, e biblioteca a disposição para leitura de jornais e revistas e empréstimos de livros.

Exposição das artistas plásticas

Fabiana Lacomb
Dayse Capucci

Vernissage com banda
F.A.C.E
Dia 1º de março, às 20h30

Centro Cultural Cecília Palmério
Até 7 de março

issuu-downloader.com

fotos: Wagner Ghizzoni Júnior

Mais que um simples circo, É O CIRCO DO POVO!

Wagner Ghizzoni Júnior
6º período Jornalismo

Se você nunca ouviu falar no Circo do Povo, não é de se admirar. Isso porque hoje em dia não é feita uma divulgação tão grande como na época em que ele surgiu em Uberaba. E, se você já ouviu algo a respeito, já conferiu pessoalmente? Se a resposta também for não, não sabe o que está perdendo. O Circo do Povo é o pioneiro no Brasil de um tipo de circo diferente, e já foi até motivo de matérias na França.

Quando surgiu o Circo do Povo

Em 1983, mais precisamente de 26 de fevereiro a 6 de março, aconteceu em São Paulo a I Feira da Cultura Brasileira. Como espectador lá estava Beethoven Luis Teixeira, que voltou à Uberaba com o cérebro a todo vapor.

Beethoven sabia que em Uberaba haviam muitos artistas de diversos tipos em todos os bairros. Sua idéia era reunir todos num só lugar para apresentações à comunidade.

Ao chegar em Uberaba, Beethoven expôs sua idéia ao prefeito de então, Wagner do Nascimento. O prefeito ficou conhecido na cidade por ser uma pessoa muito próxima do povo, especialmente dos mais carentes. E Wagner não teve receio em apoiar a iniciativa de Beethoven.

Em parceria com o amigo Antônio Carlos Marques, Beethoven começou a percorrer todos os bairros da cidade para catalogar os artistas. Eram fichados desde mágicos e palhaços até empalhadores e doceiras.

Em 4 de março de 1983 foi inaugurado o Circo do Povo, no Bairro Abadia. No começo o circo tinha capacidade para mil e 100 pessoas. O circo ficava 2 ou 3 meses em cada bairro e em seguida se deslocava para outro bairro mais distante. A estratégia era que a cada mudança o próximo bairro não fosse perto do anterior.

O diferencial

Desde o começo, o Circo do Povo não era um circo comum. Uma vez por semana haviam as apresentações dos artistas: palhaços, mágicos, cantores,dançarinos. Muitas vezes o prefeito Wagner ia ao circo cantar a música "Fuscão Preto", que havia sido tema em sua campanha eleitoral.

Mas, o diferencial do Circo do Povo estava nas atividades durante a semana. O Circo ficava aberto todos os dias para a comunidade. Não era apenas um lugar para espetáculos. Beethoven conseguiu o que queria em seu projeto inicial: fazer do circo um lugar para a população. Se era necessário uma reunião entre os moradores do bairro, o circo era o local. Uma reunião de pais e professores da escola? Marcavam no circo. Tinha queixas contra a Prefeitura? O prefeito e os vereadores se encontravam com os moradores no circo.

Outro grande barato do circo eram as atividades que eram oferecidas. Havia na Gibiteca mil e 837 gibis de 53 tipos. Cursos de instrumentos musicais e de xadrez eram ministrados. Entre outras apresentaçõe, o circo promovia Festival de Pipas e Papagaios, Festival de Folclore, Concurso de Violeiros, Semana da Criança, Semana de Prevenção de Acidentes, Exposição de Fotografias, em parceria com a **Universidade de Uberaba**, então Fiube), Semana Excepcional, Concurso de Histórias de pescador, Clube de mães, Festas Juninas, Congado...

De 10 a 15 de fevereiro de 1986, o Circo do Povo foi sede do I Seminário Latino-Americano de Ludotecas. Participaram quase 200 professores do Brasil e do exterior (Uruguai, Colombia, Argentina e Equador). Foram ministrados cursos de artes cenicas, músicas, brincadeira de papel e folclore. O Circo do Povo foi divulgado em toda América Latina pela Fundação Latino-Americana de Ludotecas.

E foi justamente em 1986 que Beethoven deixou de ser o administrador do Circo do Povo. Segundo ele, depois que Wagner do Nascimento deixou de ser o prefeito, o Circo perdeu espaço. "Antes eram oferecidas até refeições para as pessoas mais carentes. Hoje em dia está muito diferente", diz Beethoven, que tem passagens pela publicidade, comunicação social e história. Hoje em dia, ele se dedica à Fundação Peirópolis de Paleontologia.

O circo hoje

O Circo do Povo mantem-se como uma coisa inédita e extraordinária. Atualmente está no bairro Valim de Melo. A capacidade atual é para 3 mil pessoas. Por isso, o Circo não mantém o esquema de mudanças de bairro, pois é cara. Além disso, de acordo com Antônio Carlos Marques, não adianta dar os cursos em curta temporada, pois não resolvem o problema do aprendizado. O circo oferece vários outros serviços sociais, por exemplo, na área de saúde, com as pessoas diabéticas e hipertensas. "Quer dizer, se você fica dois ou três meses apenas não dá para fazer o acompanhamento. Temos palestras uma vez por semana e para conscientizarmos as pessoas tem que haver um acompanhamento", atesta Antonio Carlos.

Atualmente, a família de artistas circenses Bartolo dá aulas de circo para as crianças no local. "Tem uma boa procura. O mais importante é tirar as crianças do bairro da ociosidade", orgulha-se Antonio. Mas, revelações tem aparecido no meio da garotada.

Além disso, outras atividades permanecem desde a época do surgimento do Circo do Povo. A Gibiteca, infelizmente, não é uma delas. Pois vários exemplares foram "levados" pelos leitores e assim perdeu-se a sequência da coleção. Mas permanecem, por exemplo, os cursos profissionalizantes, como crochê, pintura em tecido, corte e costura e artesanato em geral. Enquanto as mães estão nestes cursos ou em reuniões, os filhos se ocupam, e muito bem: a Brinquedoteca permanece até hoje. Na época em que foi lançada, foi motivo de reportagens em várias revistas do Brasil. Com tinta, argila, papel e sucata em geral, as crianças não vêm o tempo passar.

Outra atividade que permanece é a Cinemateca, que atrai mais ou menos 100 pessoas à cada seção. "Temos lá um telão e uma vez por semana exibimos documentários e filmes que não incitam violência, pois isso a televisão já faz", explica Antônio Carlos.

Os cursos e a Cinemateca não custam nada, assim como o espetáculo, que acontece aos sábados, a partir das 20 horas. Artistas, tanto da comunidade, como outros, se apresentam e o fluxo de pessoas por apresentação é em torno de mil e 500 pessoas.

O cadastro de artistas continua. "A gente dá oportunidade para as pessoas que têm dom artístico mostrar seu trabalho. Conhecemos vários artistas profissionais que começaram lá e esse pessoal sempre volta, seja por retribuição ou para incentivar os que estão começando", conta Antonio. "Não plagiando o Milton Nascinemto, o artista tem que ir onde está o povo, e o povo está na periferia."

De acordo com Antonio, não há uma divulgação maior do Circo do Povo na mídia porque o público atual atende a demanda. E também porque há um preconceito em relação ao circo. "A classe média não vai ao circo. Tem gente em Uberaba que nunca foi, isso com o circo tendo quase 20 anos". Por outro lado escolas solicitam visitas constantemente.

A concorrência

Quando outros circos vem à Uberaba isso não significa concorrência. Estes circos precisam da Prefeitura para liberação do alvará. Então, o pessoal do Circo do Povo divulga, ajuda, e em troca, o circo visitante leva alguns números para aquelas pessoas que não têm condição de pagar para assistir ao espetáculo.

O Circo do Povo é mantido pela Fundação Cultural, que arca com suas despesas, como funcionários, água, energia, dentre outras. No total são 18 funcionários, sendo só um contratado, o palhaço. "A Fundação negocia e paga em média o que ganhariam em outros lugares, por exemplo, cantores num bar ou boate", explica Antonio Carlos.

Se você nunca foi ao Circo do Povo, não espere mais: ele está na Avenida Central, perto do posto de saúde.

issuu-downloader.com

ARQUITETURA DO DESPREZO

Escombros da memória coletiva

Casas históricas deterioradas, desfiguradas ou obstruídas escondem fragmentos de narrativas populares

André Azevedo
1º período de Jornalismo

fotos: André Azevedo

Palacete do coronel Antônio Pedro Naves, localizado na esquina das ruas Manoel Borges com Major Eustáquio, virou uma aberração arquitetônica

Um dos mais importados patrimônios históricos da cidade está abandonado e encoberto por cartazes sujos

Na praça Rui Barbosa, coração de Uberaba, apodrece lentamente, aos olhos de todos, uma das casas históricas mais importantes da cidade. Construída em 1889, foi a terceira edificação no município feita inteiramente de tijolos. Anteriormente, as casas eram de pau-a-pique, ripa e barro, recobertas com uma argamassa de areia e estrume de vaca. Chegaram a dizer, na época, que as casas de Uberaba não passavam de "feias arapucas", escreveu o historiador Hildebrando Pontes. Foi só com a chegada da estrada de ferro que aparecem os imigrantes, arquitetos e construtores que trouxeram técnicas usadas na Europa, impulsionando a modernização da cidade.

O primeiro proprietário dessa casa foi Tobias Rosa, dono do maior jornal de Uberaba na época, a Gazeta de Uberaba, fundado em 1876 – antes mesmo do Lavoura & Comércio. A memória popular registra que Tobias Rosa, jogador compulsivo, em certa ocasião apostou e perdeu a mansão em um jogo de cartas. Seu sogro, João Machado Quincas Borges – um dos organizadores da primeira exposição de Zebu de Uberaba – decidiu, mais tarde, comprá-la.

A mansão, cuja beleza de estilo eclético é de encher a alma, foi palco e testemunha de movimentos importantes na história da cidade. Mas hoje, está abandonada. Um dos mais encantadores patrimônios históricos e culturais de Uberaba está encoberto por cartazes sujos e rasgados, escondido atrás de placas publicitárias e pontos de ônibus. Suas fachadas enegrecidas, sua pintura descascada e o cheiro de mofo que exala das janelas são uma verdadeira ofensa aos frequentadores da região central. Conhecer a casa por dentro é uma experiência que inspira profunda perplexidade pelo inexplicável desamparo. Ao andar pela casa, o pensamento que vêm à cabeça é: *não é possível que isso acontece! Uma casa enorme, no centro de Uberaba, completamente abandonada!* As portas dos fundos estão arrombadas. Quartos, salas e corredores imundos. As tábuas do piso exalam odores de urina e poeira. Há vidros quebrados e fios de instalação elétrica por toda a parte. Uma escada em espiral de madeira, toda suja de terra, dá para o segundo piso do sobrado. As janelas, em sua maioria, estão permanentemente abertas e ficam batendo dia e noite com o vento. As madeiras dos batentes estão podres e infestadas de cupim. Um adesivo de uma empresa afixado na janela informa que a casa foi dedetizada em setembro de 1993. Em um dos quartos, lâmpadas de luz fria estão espatifadas no chão. O tapete rasgado deixa à mostra o piso de tacos infestado de musgo. A desolação dos cômodos e corredores é total, chega a ser agressiva. Nem fantasmas habitam essa casa. Há alguns anos a prefeitura chegou a alugar a mansão e instalou alguns serviços públicos – entre eles a Fundação Cultural. Mas desde meados década de noventa está deserta. Ninguém sabe direito há quanto tempo está abandonada. Os comerciantes ao lado divergem, uns falam em três ou quatro anos, outros em sete ou oito. A casa está literalmente largada às traças e, como se tratasse de um cálculo matemático ou econômico, deteriora-se com uma velocidade que inspira demolição.

A antiga casa de Tobias Rosa é de propriedade privada. Atualmente, a área dos fundos é alugada é foi transformada em estacionamento. Fanney Humberto Fatureto, 18, cuida do negócio. "As portas dos fundos ficam abertas. Às vezes um mendigo ou outro entra e passa a noite aí. A dona quer vender, mas como é tombado, não pode demolir e nem reformar, então ninguém quer comprar", diz. Quando perguntado se pretende alugar a casa, responde: "Alugar pra quê?"

Teatro das memórias coletivas

O risco que a comunidade corre ao ignorar seu patrimônio histórico é a perda do que os cientistas sociais chamam de "memória coletiva". Cada casa carrega consigo uma história que diz muito sobre as relações sociais que permanecem na

issuu-downloader.com

cidade. No livro chamado "Memória do Social", o estudioso Henri-Pierre Jeudy argumenta que a ligação entre uma demolição e um estado de "amnésia coletiva", não é apenas uma metáfora. A maioria das histórias dessas casas não está escrita; sobrevivem graças à tradição oral de moradores mais antigos, que reproduzem relatos de seus pais e avós. Quando símbolos culturais importantes são demolidos, a cidade perde referências fundamentais que prejudicam definitivamente a compreensão de seu passado e, consequentemente, perdem a consciência histórica do presente. No caso da mansão de Tobias Rosa, é uma parte da história da vida dos habitantes de Uberaba que apodrece.

O uberabense Sebastião Aidar faz 75 anos no dia 2 de março, aniversário da cidade. Em 1940 trabalhava em um bar que ficava embaixo do antigo Jóquei Club, depois transformado em casa de jogos. O sobrado é o mesmo onde hoje funciona um restaurante, na praça Rui Barbosa, na esquina do calçadão da Arthur Machado. "Meu pai jogou muito pif-paf lá. O dono era um tal de Custódio. Ele mesmo nunca jogava. Ganhou um dinheirão", lembra. Um dos frequentadores mais assíduos da casa do Custódio era um famoso matador profissional da região: Aníbal Vieira. "Todo mundo morria de medo dele, inclusive o delegado da época. Ele sempre se safava dos entreveros com a polícia. Costumava se esconder na fazenda de um coronel lá em Campo Florido e atuava como matador em toda a região", conta Aloysio Ferreira Junqueira, 59.

Aidar também se recorda da época áurea do Hotel Regina, localizado na Rua Manoel Borges, de estilo *art déco* e hoje abandonado e caindo aos pedaços. "O Regina era o hotel dos viajantes de passagem pela cidade, mascates e representantes comerciais que

Nos anos 30, a casa de jogos do Custódio recebia um ilustre e temido personagem: Aníbal Vieira, o mais famoso matador profissional da região

vinham na estrada de ferro", recorda. Uberaba era um importante entreposto comercial entre São Paulo e Goiás. A professora de História da Universidade de Uberaba, Eliane Mendonça, relata que o hotel era um dos mais 'chiques' da cidade. Foi construído na década de 20, época áurea do Zebu. Só perdia para o Hotel do Comércio, hoje demolido, localizado na rua Vigário Silva, mais ou menos na área onde hoje está o Magazine Luíza.

O professor da Universidade de Uberaba, Newton Luís Mamede, tem uma de suas histórias saborosas ocorrida já na década de 70 e encenada em frente ao Hotel Regina. "Eu estava com o carro parado e vi um sujeito saindo do hotel, provavelmente um vendedor da região. Ele parou à soleira da porta e acendeu tranquilamente o cigarro. Subitamente, a Dora Doida – figura popular na cidade, que na época estava no auge de sua 'atividade' – aparece pela Manoel Borges, vê o sujeito e começa a gritar: – *Olha que homem bonito. Está com cara que acabou de tomar banho. A cueca dele deve estar limpiiiiiiinha e cheirosa.* O sujeito deu só mais uma tragada e, assustado, entrou rapidinho de volta ao hotel. Deve ter pensado: essa cidade só tem doido!"

Outro Hotel que hoje, apesar de relativamente conservado, está com a fachada parcialmente desfigurada, é o Hotel Modelo, edificado em 1923 pelo construtor italiano Eugênio Borelli. Está localizado à esquina da rua Arthur Machado com Getúlio Vargas. O respeito ao arranjo original é fundamental para que a memória seja preservada. A arquiteta Elaine Silva Furtado, mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie e professora na Universidade de Uberaba, descreveu em sua dissertação de mestrado as relações da arquitetura local com o desenvolvimento econômico da cidade na primeira metade do século XX. No início do século, Uberaba cresceu rapidamente com a introdução do gado Zebu, e teve que se modificar para receber os imigrantes acostumados com conforto. Até então, o estilo predominante era o eclético. O *art decó* despontou na segunda fase do apogeu do Zebu, quando os pecuaristas demonstravam seu poder aquisitivo através da edificação de palacetes que seguiam esse estilo predominante nos grandes centros. A história econômica da cidade está, portanto, expressa na sua arquitetura. Intervenções desordenadas, reformas intrusivas ou obstruções ao redor do imóvel – o chamado entorno – prejudicam a coerência do discurso arquitetônico. É mais ou menos como se um engraçadinho suprimisse um parágrafo da história da cidade e inserisse, por conta própria, palavrões e vulgaridades. É o que acontece com algumas lojas instaladas em diversos prédios históricos da cidade.

Intervenções desordenadas, reformas intrusivas ou obstruções ao redor do imóvel prejudicam a coerência do discurso arquitetônico

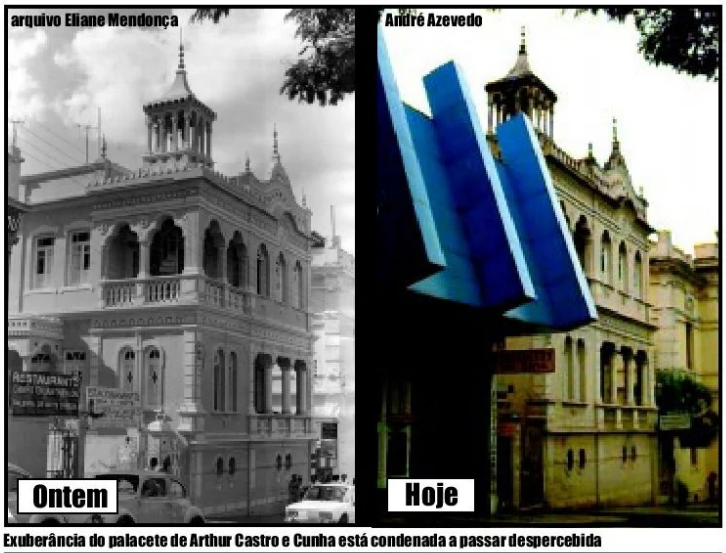
De frente ao Hotel Modelo, na rua Getúlio Vargas, onde hoje existem algumas palmeiras, havia a igreja dos Rosário, ou igreja dos negros, construída por Padre Zeferino Batista do Carmo em meados do século XIX. Ela foi demolida no final da década de 10, ou começo de 20 do século passado, em nome do progresso. Segundo a professora Eliane Mendonça, não existem fotos ou pinturas que a retratem. Há apenas um croqui, feito à partir de relatos de testemunhas. José Carlos Machado Borges (o Juquita), 91, possui em seus arquivos uma foto parcial de sua escadaria. Ele se lembra da igreja. "Eu era menino e passava à porta quando ia comprar balas e figurinhas de coleção na confeitaria. Era mais bonita que a (igreja) Santa Rita", diz.

Mais um pedaço da história da vida das comunidades que se foi, definitivamente. Nunca mais. Morreu. Acabou.

Aberrações arquitetônicas

Na Praça Rui Barbosa há um triste exemplo de desrespeito ao entorno. O palacete de Arthur de Castro e Cunha, localizado entre o prédio da Câmara Municipal e uma galeria de lojas, foi construído na segunda década do século passado. É marcado por um arquitetura de estilo eclético com características mouriscas. Lamentavelmente, sua visibilidade está definitivamente obstruída por essa galeria que foi projetada e edificada sem nenhuma consideração quanto à relevância cultural do palacete. O descaso é explícito, o patrimônio histórico foi simplesmente ignorado. Não é mais possível admirar a beleza da mansão. Sua exuberância está condenada a passar despercebida para sempre.

O Hotel Regina, hoje abandonado e caindo aos pedaços, acolhia viajantes, mascates e representantes comerciais. Hotel Modelo, apesar de relativamente conservado, está com a fachada desfigurada.



Exuberância do palacete de Arthur Castro e Cunha está condenada a passar despercebida

issuu-downloader.com

ARQUITETURA DO DESPREZO

Hoje, moram no andar de baixo do palacete, há 12 anos, o casal Vera Lúcia de Oliveira e Geraldino Diogo de Oliveira com seus filhos Diogo e Graziela. Segundo Vera Lúcia, há uns dois anos a casa foi visitada por uma equipe do Arquivo Público para que fossem levantados os custos da reforma. A estrutura foi considerada muito boa, sem rachaduras ou falhas graves. Apenas as pinturas interna e externa encontram-se em mau estado.

Na casa já funcionaram os escritórios de diversos ministérios, a biblioteca municipal e uma associação de municípios. Hoje, o andar de cima está abandonado. No porão da casa – porões altos em rua de declive eram exigência do código de posturas que regulava as normas urbanísticas da época – está instalado o mais tradicional consultório de radiologia de Uberaba, do Dr. Noraldino Alves de Melo. O consultório, que pertence a Noraldino há 38 anos, foi o primeiro na região a utilizar o aparelho de raio X panorâmico. Importada do Japão em 1975, a boa e velha Panoramax funciona até hoje, junto a outra máquina mais moderna. O consultório é um bom exemplo de ocupação de imóvel histórico. As paredes e o piso estão limpos, bem conservados. "Isso aqui era um porão horrível. Fui arrumando, arrumando, e hoje está isso aí", diz Noraldino.

Na cidade há casos flagrantes de aberrações arquitetônicas que chegam a chocar. Um exemplo gritante é o palacete do coronel Antônio Pedro Naves (ver foto na página 6), localizado na esquina das ruas Manoel Borges com Major Eustáquio. Segundo Hugo Prata, professor na Universidade de Uberaba, o palacete foi projetado pelo engenheiro Francisco Palmério, pai de Mário Palmério. Hoje, na parte de baixo funcionam uma lanchonete, pintada de branco, e uma casa de pagamento de contas de cor azul com letreiros amarelos. A parte de cima está abandonada e imunda. Há uma placa de tecido toda rasgada e embolorada de um *self-service* que já deixou de funcionar há vários anos. Torna-se difícil desvendar a beleza do palacete por trás de tanto entulho. Semáforos, placas publicitárias e postes repleto de cartazes complementam o desgosto do entorno. É talvez a fachada mais feia, mais desfigurada do centro da cidade. Não é capaz de inspirar nenhuma história. O processo de tombamento do palacete já está em andamento no Arquivo Público Municipal. Pelo menos essa boa notícia. É aguardar pra ver.

"A recusa de preservar assemelha-se a uma ordem de demolição"

Casa abandonada, onde já funcionou o Ceneg, localizada na rua Vigário Silva

Abandono e destruição

Existe um ditado popular entre estudiosos de patrimônio que mostra bastante bom senso: "A recusa de preservar assemelha-se a uma ordem de demolição". Para garantir a manutenção do imóvel, é essencial sua ocupação. A quantidade de casas antigas abandonadas no centro da cidade não é assustador, mas há muitas de indiscutível relevância cultural que encontram-se em estado preocupante. Um exemplo é a casa na rua Vigário Silva onde há alguns anos funcionava o Centro Nacional de Valorização da Raça Negra (Ceneg). Linda e hoje abandonada. Ou o sobrado localizado no calçadão da rua Arthur Machado onde funcionava a joalheria mais famosa da cidade, de propriedade de Raul Terra. Hoje a parte de cima está abandonada. Parece que alguém planejou reformá-la algum dia, mas desistiu no meio do caminho, deixando os tijolos enfeiarem o sobrado. A parte de baixo é alugada para uma loja que desfigurou em absoluto o arranjo arquitetônico com as placas das cores de sua marca. Além disso, o sobrado está espremido entre dois prédios. Sua visibilidade é quase nula.

fotos: André Azevedo

Sobrado onde funcionou a joalheria de Raul Terra, no calçadão, hoje o andar de cima está abandonado

Uma casa misteriosa

De todas essas casas abandonadas no centro da cidade, existe uma, entretanto, que preocupa particularmente porque, como poucas, costuma exercer um fascínio especial por causa de suas características muito particulares. Aquele átrio cilíndrico, aquela cobertura de entablamento ondulado sustentada por pilares retangulares, aquela escadinha helicoidal protegida por um guarda-corpo de ferro batido, aquele pináculo sobre a cobertura francesa da varanda inspiram um encantamento que atrai a atenção de todos que passam por ela.

Gustavo Vitor Pena, aluno do curso de História da Universidade de Uberaba, diz que se interessou muito pela casa quando a viu pela primeira vez. "Esse tipo de arquitetura é raro na cidade. Se tivesse dinheiro, compraria a casa para preservá-la", diz. A arquiteta Elaine Furtado concorda que é uma construção singular no panorama de Uberaba. "A moda que predominou na cidade foram os estilos eclético e *art decó*. Esta casa de fato possui uma linguagem diferente", afirma. O músico e tatuador Renato Zaca estava inspirado quando se referiu à mansão: "Ela é inesquecível. É uma casa 'bem-assombrada'. Quase todo mundo tem vontade de conhecer por dentro. Ela me surpreende, parece que é meio viva", diz. Márcia Stacciarini, aluna de Arquitetura na Universidade de Uberaba, escreve que "essa casa representa o que resta da história de Uberaba que, infelizmente, ao longo do tempo, vem sendo substituída por uma arquitetura de péssimo gosto e sem propósito algum".

Parece que alguém planejou reformá-la algum dia, mas desistiu no meio do caminho, deixando os tijolos enfeiarem o sobrado

Localizada à rua Senador Pena, nº 62, quase na esquina com a avenida Leopoldino de Oliveira, a mansão está ameaçada por causa do entorno e do abandono. Construída

Casa localizada na rua Arthur Machado onde, segundo José Carlos Machado Borges, morou Paschoal Toti, pai do historiador uberabense Gabriel Toti. Hoje encontra-se toda retalhada e desfigurada

issuu-downloader.com

ARQUITETURA DO DESPREZO

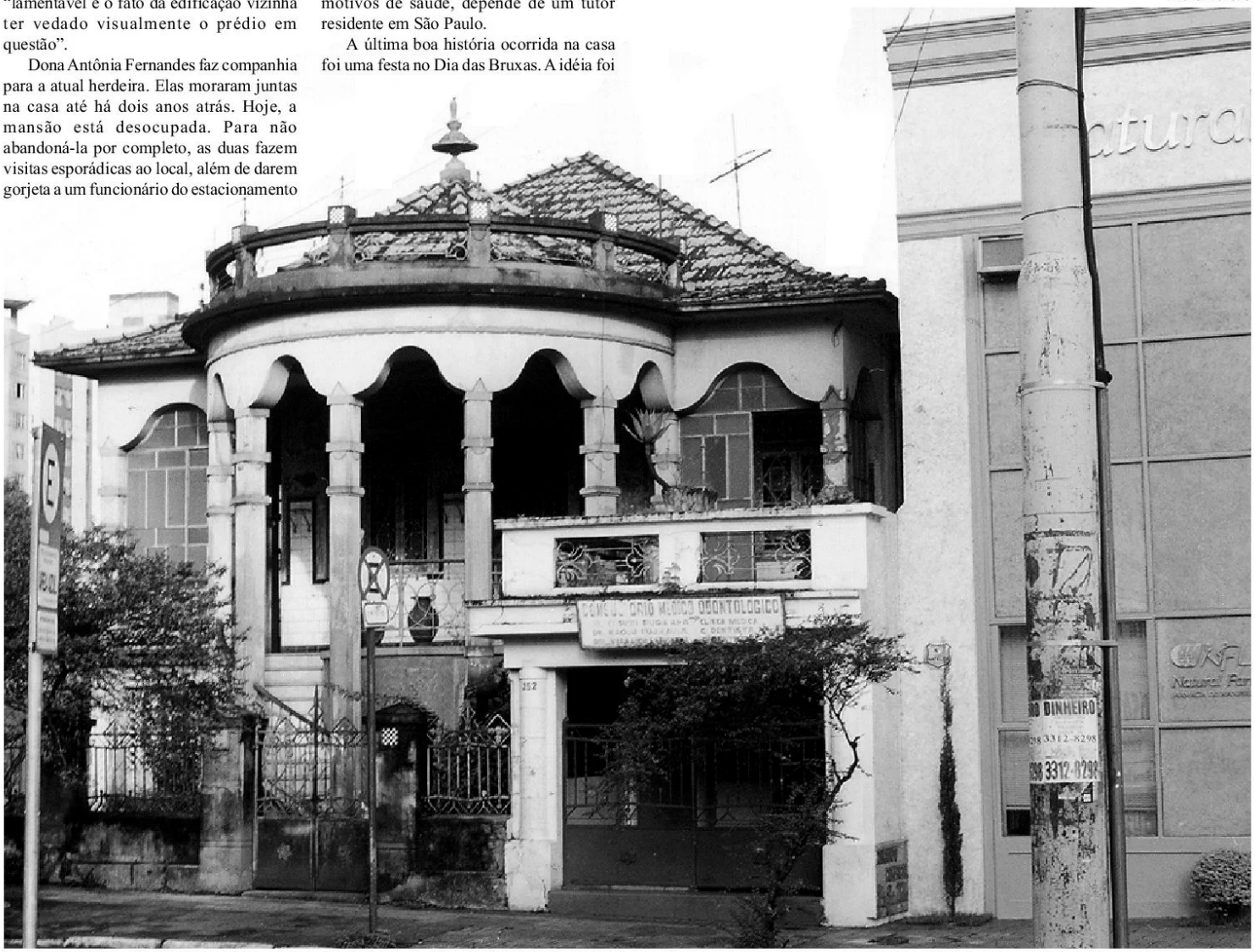
para João Quintino Teixeira, dono da primeira sesmaria (lote de terra) de Uberaba e deputado federal representando Minas Gerais na primeira eleição à Câmara realizada no país, englobava originalmente um terreno que avançava quase até onde hoje encontra-se a avenida Santos Dumont. Atualmente, está espremida entre um estacionamento e uma galeria de butiques. No relatório do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha/MG) com dados de 1989, disponível no Arquivo Público de Uberaba, está escrito que, apesar do estado de conservação ser bom, "lamentável é o fato da edificação vizinha ter vedado visualmente o prédio em questão".

"Lamentável é o fato da edificação vizinha ter vedado visualmente o prédio em questão"

Dona Antônia Fernandes faz companhia para a atual herdeira. Elas moraram juntas na casa até há dois anos atrás. Hoje, a mansão está desocupada. Para não abandoná-la por completo, as duas fazem visitas esporádicas ao local, além de darem gorjeta a um funcionário do estacionamento para que ele "dê uma olhadinha" de vez em quando. Dona Antônia diz que decidiram sair de lá porque estavam sentindo-se incomodadas. Segundo ela, uma manilha de escoamento instalada no prédio vizinho despeja todo o acúmulo de água da chuva nas dependências da casa. "Eu desgostei de morar aqui por causa disso. A água que entrava sujou toda a parede do quarto", afirma. A garagem e um anexo são alugados para um consultório ondontológico. A situação atual da mansão é um caso em andamento, pois envolve a herdeira que, por motivos de saúde, depende de um tutor residente em São Paulo.

A última boa história ocorrida na casa foi uma festa no Dia das Bruxas. A idéia foi de Cleide Sara, 30, que declara-se apaixonada pela sua arquitetura. "Ela tem um clima misterioso, eu morria de curiosidade de entrar lá. A fachada sempre me impressionou. Quando passo em sua calçada, especialmente à noite, fico viajando na casa", diz. Em outubro do ano passado, Cleide conseguiu alugá-la por uma noite, para fazer uma festa de Dia das Bruxas. A idéia acendeu o imaginário de todo o seu círculo de amigos. Uma festa naquela casa? Era demais! Todos teriam oportunidade de conhecê-la, afinal. Foram feitos convites limitados. A divulgação foi praticamente boca-a-boca. Cleide convidou umas bandas e decorou os interiores com quadros, mandalas e tecidos. O amigo Robinho, da Rarus – popular sebo de discos na cidade –, cuidaria da seleção das músicas no aparelho de som. O Zé Leôncio, gaiteiro conhecido de todos, vai estar lá, quem sabe dá uma palhinha no final? A festa começou à meia noite. Poucos minutos depois que o "Seu Juvenal" – uma das bandas convidadas – começou a tocar, (estavam na segunda ou terceira música) a polícia bate à porta e pede pra parar, informando que todos os vizinhos ligaram furiosos por causa do barulho. Sem banda, a turma chateada, começaram todos a debandar. A tão aguardada festa acabou quase antes de começar pra valer. Mas o gostinho de ter conhecido a casa, nem que seja por uma noite, esse ninguém tira.

André Azevedo



Casa construída para João Quintino Teixeira provoca admiração pelo seu arranjo arquitetônico singular. Espremida entre uma galeria de butiques e um estacionamento, está ameaçada por causa do semi-abandono

issuu-downloader.com

ARQUITETURA DO DESPREZO

O enigma da conservação

Patrimônio histórico e cultural só tem sentido enquanto consciência crítica do presente

André Azevedo
1º período de Jornalismo

Uma questão fundamental está sempre à espreita e invariavelmente salta aos olhos quando é discutido o problema da preservação do patrimônio histórico*: para quê, afinal, conservar casa velha, em vez de arrebentar tudo e construir outra?* Lembro-me de um colega que achava graça da opinião do avô, morador antigo da cidade de Ouro Preto, reclamando do cheiro de mofo das casas*: "tinham é que bater foto de tudo quanto é jeito, pra lembrar, e então demolir a cidade toda"*, dizia.

De fato, o problema é complexo e envolve questões culturais, históricas, econômicas, sociais e estéticas. A argumentação que sempre vem à mente dos preservacionistas é que o patrimônio histórico representa a valorização da memória coletiva das sociedades em seus territórios. No contexto da enorme velocidade das transformações industriais e diante da ameaça de desaparecimento desses símbolos urbanos, a conservação promoveria a manutenção das referências que garantiriam a identidade cultural. Assim como um indivíduo viveria mal sem memória, também uma coletividade precisa de uma representação constante do seu passado. Para eles, o objetivo fundamental é garantir às gerações futuras o direito de usufruir de um meio ambiente saudável e de uma herança histórica que os distinga e identifique perante os diferentes povos.

Obsessão pela conservação pode desembocar em uma nostalgia romantizada de um passado que não existiu.

Por outro lado, a obsessão pela conservação pode desembocar em uma nostalgia romantizada de um passado que não existiu. Entusiastas acríticos costumam reivindicar a mera petrificação de todos os imóveis urbanos, desejando conservar referências mortas do passado que nada dizem ao presente, além de relegar a segundo plano justamente o que, na teoria, pretenderiam conservar: o imaginário social das memórias coletivas.

Casa do Coronel Geraldino Rodrigues da Cunha, demolida na década de 80. Situava-se na praça Rui Barbosa, no terreno onde hoje funciona o Elvira Shopping.

Prédio onde funcionou a antiga Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba, na rua Manoeal Borges

Portanto, faz-se necessário uma distinção crítica entre o que deve ser conservado e o que deve ser destruído. "A preservação, pura e simples, não basta; ela deve ser estimulada por um interesse coletivo de apropriação e de recolhimento", escreve o cientista Social Henri-Pierre Jeudy. Isso significa que a conservação do patrimônio só tem sentido se a comunidade inteira assim o desejar. Além disso, esse desejo deve ser expresso através de propostas claras para o usufruto do imóvel, e que sejam acessíveis à toda a população. Para Jeudy, a cultura da conservação só adquire sentido se inserida no desenvolvimento econômico e social da cidade. A ação cultural, além de enfocar os problemas existenciais, deve estar voltada para problemas reais de trabalho, habitação, lazer, família e comunidade.

Tombamento

O advogado Aflaton Castanheira, professor na Universidade de Uberaba especializado em Direito do Estado, afirma que um dos maiores problemas nesta ação cultural é que a comunidade desconhece a legislação municipal, que tem plenos poderes para promover proteção do patrimônio. O Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural de Minas Gerais (Iepha/MG) informa que qualquer cidadão pode solicitar o processo de tombamento de um bem cultural, seja em âmbito municipal, estadual ou federal. A relevância do patrimônio histórico é então examinada por uma comissão competente e, se for verificada a importância da proteção legal, o proprietário é notificado e o processo será aberto. O Arquivo Público de Uberaba é o órgão que cuida do levantamento dos bens históricos e culturais da cidade. Marta Zednik Casanova, pesquisadora e coordenadora do Arquivo, informa que já existem quinze bens tombados em nível municipal, entre eles a locomotiva "Maria Fumaça" – que segundo ela está sendo restaurada. Existem ainda três imóveis cujos processos já estão em andamento. A coordenadora afirma que desde 1990 o poder público vem aplicando

issuu-downloader.com

uma política municipal de tombamento. "O Arquivo tem uma equipe de pesquisadores que se preocupam com o levantamento histórico desses bens. É um trabalho complicado porque em muitos casos os próprios donos dos imóveis colocam empecilhos", diz. O único bem tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é a Igreja Santa Rita, atual Museu de Arte Sacra.

Aflaton Castanheira informa que o tombamento constitui-se em um regime jurídico especial de propriedade, levando-se em conta sua função social. "Esse recurso não altera os direitos fundamentais do proprietário; permite que o imóvel seja vendido, alugado ou reformado. Entretanto, as transações devem ser previamente autorizadas pelo órgão competente que deve garantir a continuidade da memória", diz.

Contudo, mais uma vez, é essencial a participação e vigilância ativa da comunidade, à qual compete decidir sobre o futuro de seus bens culturais. Até porque, como escreveu o historiador Nelson Werneck Sodré, "na selvageria de que é capaz o capitalismo num país subdesenvolvido como o nosso, a eficácia de tais instituições e a aplicação de tais leis são muito precárias".

Política de incentivos

Nas Diretrizes para Proteção do Patrimônio Cultural elaborado pelo Iepha/MG, são enumeradas várias medidas de estímulo às ações de preservação, tais como o incentivo à instalação de órgãos públicos em prédios históricos, isenção de IPTU para facilitar aos proprietários de imóveis tombados o cuidado com sua manutenção, além das leis estaduais e federais de incentivo que prevêem percentuais de renúncias fiscais para empresas que investem em cultura. Uma das medidas empreendidas pelo Estado é o bônus construtivo, que visa "premiar o proprietário com ações que venham a beneficiar objetivos urbanísticos". Em sua página na Internet (www.iepha.mg.gov.br) o instituto encarregado da proteção do patrimônio cultural do Estado dá informações sobre seus programas e orienta acerca dos diversos mecanismos de proteção e legislação.

"Quando o cidadão sente que o poder público é omisso ou está desrespeitando a cidade, sente-se no direito de desrespeitá-la também."

Ruínas e qualidade de vida

"Um espírito malicioso definiu a América como uma terra que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização". Assim, o antropólogo Claude Levi-Strauss, em Tristes Trópicos, começa o capítulo que descreve o desenvolvimento de São Paulo. "A passagem dos séculos representa uma promoção para as cidades européias; para as americanas, a simples passagem dos anos é uma degradação", observa. O escritor Inácio de Loyola Brandão compartilha dessa análise. "Produzimos ruínas mais rapidamente que eles [os europeus]. Nossos prédios se decompõem em vinte anos. Os deles levaram quinhentos, mil para se corroer", escreve.

Para Pedro Álvares Fernandes, professor do curso de Serviço Social da Universidade de Uberaba, a presença de prédios deteriorados no espaço urbano reflete negativamente na qualidade de vida das pessoas. "Quando falam sobre preservação ambiental, normalmente as pessoas pensam na proteção de rios e matas, mas se esquecem que a rua em que moram, os bairros e o centro da cidade são o meio ambiente em que vivem de fato", afirma. Pedro Fernandes lembra ainda que existem estudos relacionando a degradação do patrimônio com a violência urbana. "Quando o cidadão sente que o poder público é omisso ou está desrespeitando a cidade, sente-se no direito de desrespeitá-la também. Pesquisas feitas em periferias demonstraram que os índices de vandalismo e violência diminuem naturalmente quando a administração pública mantém os bairros limpos e bem cuidados", diz o professor. Para ele, o desprezo pelos prédios históricos é uma agressão à toda comunidade.

Mas afinal, preservar para quê, mesmo?

Infelizmente – ou felizmente, sei lá – é impossível esgotar a discussão sobre a necessidade da preservação em seis páginas de jornal. Entretanto, o caminho apontado no estudo "Memórias do Social", de Henri-Pierre Jeudy, mostra-se relevante e merecedor de futuras discussões. De acordo com sua argumentação, se o patrimônio histórico e cultural representa a memória coletiva, o objetivo último a ser alcançado nas iniciativas de preservação é, portanto, a própria memória, e não sua representação através do patrimônio que, isolado de seu contexto, de fato, não passa mesmo do que chamam de "uma casa velha qualquer". A conservação pela conservação perde o sentido quando desvinculada dos aspectos dinâmicos do que ele chama de "construção do edifício da memória coletiva". Portanto, o que parece ser cada vez mais o objeto de conservação é "a própria vida social e afetiva da comunidade".

Ele escreve que o patrimônio histórico não deve ser entendido como um objeto portador de uma memória estática, pois, se por um lado serve como símbolo de uma época, por outro está inserido em um processo histórico que – perdoem a obviedade – está em andamento, ainda não acabou. Assim como a sociedade, os símbolos culturais sofreriam mutações de significados no decorrer dos anos. Ele vai além. Jeudy argumenta que o patrimônio não configura-se como um depósito da memória, mas como um elemento detonador de investigações culturais ou, em suas palavras, "fundador de uma interrogação sobre o sentido das mutações da sociedade". O patrimônio cultural seria válido na medida em que inspirasse, através de sua existência material, momentos de reflexão histórica no dia-a-dia da cidade. Trocando em miúdos, o espírito da preservação monumental torna-se importante não só por causa de suas características de testemunha da memória coletiva, mas, sobretudo, enquanto consciência crítica do presente e como promessa de um modelo de desenvolvimento que respeite o cotidiano, os movimentos culturais e a história da vida dos habitantes de Uberaba.

Esse prédio, localizado na praça Rui Barbosa, foi construído para o Major Eustáquio, o fundador de Uberaba. Posteriormente, foi residência de Borges Sampaio, personagem fundamental da história da cidade. Adquirida pela família Ricciopo, no prédio funcionou durante vários anos a Notre Dame de Paris, famosa loja na região central. Foi demolida no início da década de 80. Situava-se no terreno onde hoje funciona o Chaves Palace Hotel, inaugurado em 1988.

Prédio construído para abrigar o cine Polyteana, na rua Manoeal Borges. Posteriormente desativado, foi ocupado por lojinhas e bares ordinários, onde "moças de boa família" eram proibidas de frequentar. Foi demolido depois que um incêndio deixou sua estrutura comprometida. Localizava-se mais ou menos no terreno onde funcionava a filial das Lojas Brasileiras, e hoje está desocupado.

issuu-downloader.com

issuu-downloader.com